

DESAFIOS METODOLÓGICOS NO ESTUDO DA MÍDIA

Giordano Larangeira Dias

RESUMO: O presente trabalho almeja discutir questões acerca da complexidade da mídia como objeto de estudo científico, enfatizando a relevância dos estudos midiáticos e apresentando referenciais metodológicos que podem ser úteis em pesquisas científicas que se propõem a ter a mídia como foco de estudo e investigação. A justificação para apresentá-lo como contribuição ao “Mutirão da Comunicação”, no eixo “Novos processos de comunicação nos diferentes atores sociais”, deve-se ao fato de serem escassos os recursos disponíveis para se realizar com eficiência uma análise crítica, ideológica e ética das formas simbólicas na mídia. O trabalho objetiva também demonstrar de que maneira os referenciais metodológicos foram empregados em uma situação real de pesquisa, transcorrida entre os anos de 2005 a 2008, na cidade de Porto Alegre, Rio Grande do Sul (GUARESCHI, 2008). A pesquisa em questão tinha como proposta analisar diversos aspectos do fenômeno televisivo no Brasil e estudar de forma rigorosa e ampla os cinco programas mais assistidos das cinco emissoras mais relevantes no cenário da televisão brasileira¹.

Palavras-chaves: Metodologia, Mídia, Formas Simbólicas, Comunicação.

INTRODUÇÃO

Estudar a mídia, tomá-la como objeto de pesquisa, é uma tarefa complexa. Isso porque se trata de um tema que apresenta diversas dimensões, uma multiplicidade de variáveis e fatores. Como ilustra Thompson (2005), trata-se de um objeto carregado de sentido, com potencial de ser previamente interpretado. Isto é, não são dados neutros, puros, são conteúdos que possuem uma significação já constituída em sua própria produção.

A comunicação se dá através de formas simbólicas, e o estudo dessas formas é, fundamentalmente e inevitavelmente, um problema de compreensão e interpretação. A singularidade das formas simbólicas constitui-se por elas possuírem cinco características específicas: elas são intencionais, convencionais, estruturais, referenciais e contextuais. Daí a complexidade de uma leitura científica e metodológica da mídia.

Discutimos nesse trabalho dois pontos centrais: que teorias e pressupostos podemos adotar em pesquisas sobre comunicação social? Que referenciais metodológicos são interessantes para estudarmos os objetos que possuem tal peculiaridade?

Para darmos conta desse objetivo essa comunicação também irá abordar a relevância social do estudo científico da mídia, a importância da pesquisa qualitativa na compreensão

¹ O projeto se chamava Comunicação e Cidadania e foi conduzido pelo grupo de pesquisa “Ideologia, Comunicação, e Representações Sociais”, orientado pelo professor Pedrinho Guareschi, do programa de Pós-Graduação em Psicologia da PUCRS.

das formas simbólicas e também apresentará dois referenciais, que conjugados, podem ser úteis na compreensão mais profunda das formas simbólicas empregadas na mídia.

A relevância social do estudo científico da mídia

Segundo Guareschi (2005) existem quatro afirmativas que justificam satisfatoriamente a relevância da pesquisa científica da mídia: 1) Ela, hoje, constrói a realidade social. 2) Atribui valores aos significados do cotidiano. 3) Delimita os temas que serão discutidos pela sociedade. 4) Influencia poderosamente na construção da subjetividade das pessoas.

A expansão e o aperfeiçoamento dos meios de comunicação criaram novas formas de interação e construção social, criando, por conseqüência, novos modos de subjetivação e diferentes maneiras de ser e existir na sociedade. Silverstone (2002, p 14) afirma que a mídia, atualmente, é essencialmente “parte da textura geral da experiência” e seu poder e influência se dá através do cotidiano e da construção do senso comum, compartilhado por toda a sociedade. “É no mundo mundano que a mídia opera de maneira mais significativa. Ela filtra e molda realidades cotidianas, por meio de suas representações singulares e múltiplas, fornecendo critérios, referências para a condução da vida diária, para a produção e a manutenção do senso comum” (SILVERSTONE, p. 12, 2002).

Vivemos hoje uma “cultura midiada”, na expressão de Thompson (2005). É impossível entender qualquer fenômeno fora do grande capítulo da comunicação. As pessoas adultas dos países ocidentais gastam entre 25 a 30 horas por semana olhando televisão - e isso sem contar o tempo que elas empregam escutando rádio ou música estereofônica, lendo jornais, livros e revistas e consumindo outros produtos, do que são hoje as indústrias de comunicação de grande escala e transnacionais. Ainda mais: há poucas sociedades, no mundo hoje, que não foram atingidas pelas instituições e mecanismos da comunicação de massa, conseqüentemente, que não estejam abertas à circulação das formas simbólicas mediadas pelos meios de comunicação de massa.

Diante dessa nova realidade, Thompson (2005) passa a elaborar um referencial teórico que possibilite compreender as características distintivas dos meios de comunicação e o curso específico de seu desenvolvimento. À chave desse referencial ele chamou de *mediação da cultura moderna*. Entende-se com isso o processo geral, através do qual a transmissão das formas simbólicas se tornou, cada vez mais, mediada pelos aparatos técnicos e institucionais das indústrias da mídia.

Além da onipresença da mídia nos processos culturais, os meios de comunicação possuem um papel central na organização política na contemporaneidade, sendo denominados

por muitos como o “Quarto Poder”.(TRAQUINA, 2001), (GUARESCHI, 2006) (CHAUÍ, 2006), Governantes e líderes políticos ascendem ou sucumbem ao poder, muitas vezes, por meio da influência da mídia e seus discursos, que possuem notável força de adesão frente à opinião pública nas sociedades contemporâneas. Thompson (2002), através de um estudo sobre diversos escândalos políticos mundiais, reforça a idéia de que a mídia, mais do que qualquer instituição, afere credibilidade ou desconfiança em relação aos políticos e suas práticas governamentais.

Os meios de comunicação possuem também uma grande responsabilidade em relação à democracia e a liberdade dos sujeitos sociais, pois nota-se que hoje a mídia é um dos espaços públicos mais valiosos, proporcionando visibilidade a manifestações e expressões dos cidadãos de um país. Segundo Souza (apud Guareschi e Biz 2006, p.7) “o termômetro que mede a democracia numa sociedade é o mesmo que mede a participação dos cidadãos na comunicação”. Em regimes autoritários e opressores os primeiros órgãos a serem tolhidos e censurados são os meios de comunicação, pois eles são um dos propulsores da consciência política e social, além de fomentar, por meio de fluxos simbólicos, pensamentos, opiniões e expressões culturais de cidadãos de direito.

Através dessas colocações nota-se a centralidade do estudo científico da mídia na academia, pois essas investigações são úteis para compreendermos melhor que sociedade está sendo formada e, principalmente, que ser humano está sendo produzido pelas interações sociais contemporâneas. Podemos questionar também em nossas pesquisas o quanto esses sujeitos possuem liberdade, direito de expressão, ação política e representatividade social em suas vivências cotidianas.

Expostos os motivos que justificam o estudo dos meios de comunicação a pergunta que se segue é: como estudar a mídia cientificamente?

Como escolher uma metodologia para estudar a mídia?

Em uma pesquisa científica a metodologia é um caminho disponível que possibilita ao pesquisador adentrar e compreender a realidade que está sendo estudada. Nesse caminho existem diversas estratégias possíveis ao pesquisador na tentativa de dar conta de suas perguntas e questionamentos. Ao decidir o método mais adequado para a pesquisa, o pesquisador também instaura uma forma de observar o fenômeno e enfocá-lo, incorporando com essa escolha seus próprios valores e pressupostos metodológicos frente ao objeto, seja essa ação consciente ou não. Quando se escolhe uma metodologia estamos definindo consequentemente nossa visão de objeto e de forma iremos abordá-lo.

Voltamos à pergunta inicial, formulada em outros termos: De que maneiras podemos adentrar o fenômeno midiático para compreendê-lo com rigor científico? Para isso precisamos caracterizar a mídia como objeto de estudo, apontando as peculiaridades de sua constituição.

A mídia e as comunicações em geral são fenômenos socialmente construídos, situados em circunstâncias históricas específicas e produzidos pela relação entre os seres humanos, que interagem e criam formas simbólicas complexas, que ordenam e formam os contratos do cotidiano e as regularidades da realidade social vigente.

De acordo com Guareschi (2000) existem duas formas distintas de leitura e interpretação da sociedade e seus elementos. a visão mecanicista entende a sociedade como um relógio, sendo ela absoluta e perfeita em si, na qual todos seus elementos possuem funções definidas e seu ordenamento depende exclusivamente do cumprimento adequado de cada papel estabelecido. Para estudarmos cientificamente a sociedade e os fenômenos oriundos da mesma, segundo esse paradigma, basta descobrirmos as leis básicas de funcionamento de forma racional, lógica e sistemática para então “consertarmos” os possíveis problemas que nela surgem. Thompson (2005, p.357) afirma que existe uma “tentação de tratar os fenômenos sociais em geral e as formas simbólicas em particular, como se elas fossem objetos naturais, passíveis de vários tipos de análise formal, estatística e objetiva”. Essa forma de encarar as construções sociais deriva-se da herança cartesiana da ciência, que segundo Jovchelovich (2006) excluiu o saber afetivo e o contextual das análises “respeitáveis”, fazendo com que os estudos sobre o ser humano adotassem um caráter desumano, isto é, uma busca por cognição pura, desprovida de afetos e atravessamentos históricos- culturais. Marková (2006) assinala que a boa parte das teorias científicas foram construídas a partir de modelos de estabilidade, ignorando fatores de mudança, tornando os saberes acadêmicos e as pesquisas impregnadas de valores tais como: regularidade, ordem e funcionalidade.

A teoria crítica, por outro lado, acredita que os fenômenos sociais possuem um caráter dinâmico e histórico, sempre sujeito a transformações e mudanças. Além disso, essa teoria pensa na “relatividade em todas as ações humanas, na aceitação da contradição e o trabalho permanente de negatividade presente em todo processo de conhecimento”(GUARESCHI 2005, p. 26). Esse paradigma acredita também na transitoriedade de todos os fatos e que a manutenção de alguma característica da sociedade dependente de cada movimento e ação dos elementos constituintes de tal organização social.

As metodologias quantitativas e qualitativas estiveram em constante oposição no percurso da história da ciência. A pesquisa quantitativa geralmente representando a visão

funcionalista e a pesquisa quantitativa reivindicando um caráter crítico na produção do conhecimento. Bauer e Garskell (2002) buscam desfazer essa eterna dicotomia, afirmando que as duas maneiras de investigação são válidas e que cada uma deve ser empregada de acordo com a necessidade do objeto de estudo em questão. De acordo com Haguette (2007) a pesquisa qualitativa ganhou força no meio acadêmico à medida que se mostrou capaz de compreender o caráter dinâmico das transformações sociais na contemporaneidade, sendo apontada, por meio de aperfeiçoamentos técnicos, como uma fonte confiável de estudo e apreensão da realidade.

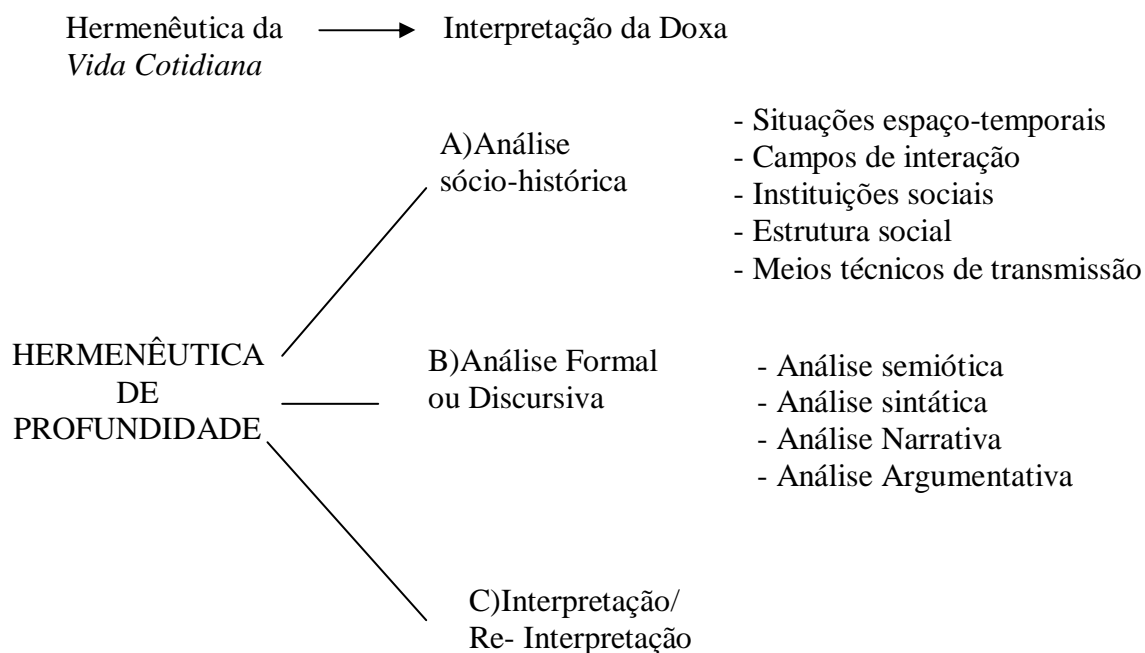
A mídia, encarada como um processo social e historicamente construído, acaba sendo compreendida com eficiência através de um enfoque qualitativo, que busca compreender as interpretações e os sentidos das interações e dos fluxos simbólicos que estruturam e moldam a formação social. O referencial metodológico usado nos estudos de mídia pressupõe a necessidade de estudar as formas simbólicas dos meios de comunicação social de forma ampla, compreensiva, contextualizada e inter-relacionada. Tal intento pode ser alcançado através da conjugação de dois marcos referenciais: o referencial da Hermenêutica de Profundidade (HP) aliado ao do Enfoque Tríplice (THOMPSON, 2005).

Hermenêutica de Profundidade

A análise das formas simbólicas pode ser conceitualizada, mais apropriadamente, em termos de um marco referencial metodológico que Thompson (2005) denominou como “Hermenêutica de Profundidade” Este referencial coloca em evidência o fato de que o objeto de análise é uma construção simbólica significativa, que exige uma interpretação. No caso dos meios de comunicação em massa pode-se afirmar que muitas construções simbólicas já possuem uma pré-interpretação em sua própria constituição. Thompson (2005, p. 479) complementa a questão evidenciando que “a HP apresenta, não tanto uma alternativa aos métodos de análise existentes, mas um referencial metodológico geral, dentro do qual alguns desses métodos podem ser situados e ligados entre si”. O referencial da Hermenêutica de Profundidade serve como um enquadramento amplo que nos pode guiar ao analisarmos formas simbólicas em geral, ou um fato comunicacional qualquer. Ele nos ajuda a não esquecermos circunstâncias, ou pontos importantes que, de um modo ou outro, deveriam, ou poderiam, influenciar na compreensão de determinados fenômenos. Não quer dizer que todos os pontos acima devam, necessariamente, ser levados em consideração ao analisar determinada forma simbólica. Mas eles, certamente, se mostram importantes para

determinados fatos, e se forem deixados de lado, poderiam prejudicar a compreensão mais global e profunda do fenômeno comunicacional.

O referencial da Hermenêutica de Profundidade (HP) daria conta, então, da interpretação dos sentidos das mensagens e pode ser definido como um modelo explicativo, de caráter epistemológico, que passa por três fases interpretativas distintas, ilustradas de forma esquemática no quadro abaixo (THOMPSON, 2005):



A fase incidental do processo interpretativo diz respeito ao conhecimento do cotidiano, a interpretação da doxa. A Hermenêutica da vida cotidiana é um ponto de partida inevitável do enfoque da HP. Essa “pré-fase” busca realizar uma elucidação sobre como as formas simbólicas são interpretadas e compreendidas pelas pessoas que as produzem e as recebem no decorrer de seu percurso cotidiano. Colocando em termos mais simples, o saber do senso comum. A investigação da opinião pública tem sua relevância, mas é preciso ir além, emergir em outras camadas de compreensão para se investigar com mais propriedade a questão das formas simbólicas.

A Análise-Sócio Histórica (A) almeja reconstruir as condições e contextos sócio-históricos de produção, circulação e recepção das formas simbólicas, verificando as regras e as convenções, as relações sociais e instituições, e a distribuição de poder, recursos e oportunidades em virtude das quais esses contextos constroem campos distintos e socialmente organizados. A Análise Sócio-Histórica investiga a situação espaço-temporal, as interações sociais, os aspectos institucionais e a estrutura social global onde o fenômeno se situa. Romancini (2007) contextualiza o começo da historiografia como disciplina científica, na

qual os estudos se baseavam inteiramente em documentos oficiais e de governantes. Dessa forma, a análise dos acontecimentos refletia apenas um lado, o dos “vencedores”, daqueles que possuíam o poder e continuavam construindo as normas e leis da sociedade. Com o desenvolvimento das análises históricas de cunho científico, houve uma tendência à relativização dos documentos oficiais, sendo que nesse espaço-tempo a importância estava deslocada para uma leitura mais ampla e estrutural dos fatos. Buscavam-se as antinomias dos eventos, almejando assim uma abordagem mais completa da história. Já a fase pós-moderna (e atual) dessa disciplina inspirou estudos de micro-contextos, discursos fragmentados e narrativas subjetivas, que trazem uma compreensão singular, que evita generalizações e procura estar de acordo com o fluxo das relações sociais na contemporaneidade, marcadas pela rapidez e liquidez de seus movimentos. Romancini (2007) não aponta caminhos certos ou errados dos caminhos percorridos até agora nos estudos históricos, apenas alerta que o estudo precisa deixar evidente quais fontes foram escolhidas (de modo que outros pesquisadores possam ter acesso também) e explicitar claramente a teoria que embasa e direciona a escolha dos materiais que estão destacados na análise.

As situações espaço-temporais específicas se tornam importante na análise do fenômeno comunicacional pois as formas simbólicas são produzidas por pessoas situadas em lugares específicos, agindo e reagindo a tempos particulares e a circunstâncias especiais, e a descrição e posterior estudo desses ambientes é uma parte importante da Análise Sócio-Histórica, pois o tempo e o espaço, querendo ou não, imprimem sua marca e moldam significativamente as interações sociais.

Os campos de interação dizem respeito a circunstâncias (processos, detalhes) que podem afetar o fenômeno em estudo. O foco e a importância desta parte está na qualidade subjetiva de cada ator social e sua influência no processo total da interação. Bourdieu (1997) nos alerta que as interações entre pessoas e grupos sofrem uma influência profunda devido aos recursos, ou ao capital simbólico, que cada parceiro carrega consigo num diálogo, ou em qualquer processo interativo. Existe uma grande diferença se estamos falando com um professor, cientista ou presidente da república. Cada personagem social agrega elementos que alteram e tornam dinâmico o fenômeno comunicacional, merecendo, por isso, atenção nas análises que são realizadas. De acordo com a teoria da economia política crítica dos meios de comunicação, proposta por Golding e Murdock (2000), a produção midiática depende muito dos profissionais que tem aspirações pessoais e sociais e trabalham em um contexto influenciado por códigos e ideologias profissionais.

No caso das instituições sociais, deve-se levar em conta que nenhum acontecimento se dá num vácuo, e que muitas vezes há instituições sociais intimamente relacionadas com o fenômeno em questão. Silverstone (2002) demonstra que entender a mídia como um processo é um ato fundamentalmente político e econômico, explicando que os significados oferecidos e produzidos pelos meios de comunicação saem de instituições globais cada vez mais poderosas e influentes em nossa forma de viver. Portanto, entender o funcionamento das instituições é apreender o tom de muitas formas simbólicas que são apresentadas em nossa experiência cotidiana.

Outra dimensão da Análise Sócio-Histórica que possui grande representatividade é a estrutura social global. Por estrutura social entende-se a sociedade vista de uma forma mais ampla, as diversas estruturas que se cristalizaram e que fundam uma sociedade. O modo de produção econômica, por exemplo, cria formas de vivência e de organização social, delimitando os campos de interação e influenciando na formação simbólica daquela sociedade.

Os meios técnicos de construção de mensagens e transmissão também são muito importantes na Análise Sócio-Histórica. Isto porque as formas simbólicas são intercambiadas entre pessoas, através de algum meio de transmissão, seja ele de qual qualidade for. Os meios técnicos, portanto, conferem às formas simbólicas determinadas características, certo grau de fixidez, uma espécie de moldura estrutural para o símbolo que está sendo comunicado e produzido. A qualidade de imagem, a organização interna de um programa e a forma com que a mensagem é veiculada possui valor fundamental para o estudo das formas simbólicas.

Os objetos que circulam nos campos sociais são também construções simbólicas complexas que apresentam uma estrutura articulada. É esta característica que exige uma segunda fase de análise, chamada de Análise Formal ou Discursiva (B). Formas simbólicas são produtos contextualizados e algo mais, pois são construções que, em virtude de suas características estruturais, tem capacidade, e tem por objetivo dizer alguma coisa sobre algo. Analisar as relações estruturais das formas simbólicas é o objetivo primordial da segunda fase da Hermenêutica de Profundidade. Existem muitas análises possíveis nesta instância: *análise semiótica* que se centra nas próprias formas simbólicas e procura analisar suas características estruturais internas, seus elementos constitutivos e inter-relações, interligando-os, aos sistemas e códigos do qual eles fazem parte, a *análise discursiva*, que se refere às instâncias de comunicação correntemente presentes, que também podem ser apreendidas através da *análise sintática*, que se preocupa com a sintaxe prática do dia-a-dia, investigando de que forma a língua é usada em sua forma mais corriqueira. Há também a *análise narrativa*, que

presta atenção no discurso que narra uma seqüência de acontecimentos encadeados, uma história com começo, meio e fim. Já o objetivo da *análise argumentativa* é reconstruir e tornar explícitos os padrões de inferência que caracterizam o discurso.

Além de estudar de maneira rigorosa o sentido das formas simbólicas, a metodologia apresentada também acena para a possibilidade de criação de novos significados, representados pela fase da Interpretação/Re- Interpretação (C). O processo de interpretação, mediado pelos métodos do enfoque da HP é, simultaneamente um processo de re- interpretação. Esse passo é fundamental por diversos motivos: primeiro, porque é necessário dar ao estudo uma síntese, uma visão de conjunto. Todo estudo de análise é um estudo que disseca, divide, reparte, estuda as partes separadamente. Depois de realizar esse movimento torna-se necessário dar um passo em direção ao global, sintetizando e relacionando as diversas partes antes estudadas.

Mas a importância central da interpretação, é que há necessidade de “referendar” o que foi analisado, “referenciá-lo”, colocar-lhe um endereço e mostrar onde ele se situa no grande quadro do conjunto maior. Isto é, onde ele se situa quanto ao espaço e ao tempo, quanto às instituições que a ele se referem e quanto à estrutura social dentro da qual ele se insere. Ainda mais: na interpretação é o autor do trabalho quem fala, escreve e se expõe. Nesse momento ele procura acrescentar uma nova compreensão do fato e cria, assim, novos conhecimentos. Esse é o “novo” do processo interpretativo.

Porém esse é sempre um trabalho arriscado. Esse risco é eminente porque há muitos olhares diferentes que podem ser lançados sobre um mesmo objeto. E esses olhares podem ser conflitivos, não necessariamente iguais. Cada ponto de vista é captado de um ponto. Como diz muito bem Thompson (2005, p.376), “a possibilidade de um conflito de interpretação é intrínseco ao próprio processo de interpretação”. Esse aspecto deve sempre ser sublinhado.

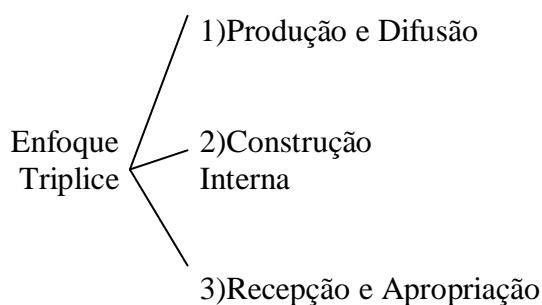
Que fazer, então? Deixar de interpretar? Cremos que não. No momento em que deixarmos de nos provocar e provocar o texto, provocar os autores dos textos, interromperíamos o processo de mergulho e de compreensão mais profunda nos fenômenos. É fundamental que seja dado esse passo, mas é também fundamental que esse passo seja justificado. Arrisca-se uma interpretação, sabendo-se que é limitada, mas procura-se justificar essa interpretação. Caso contrário, cairíamos num relativismo estéril e monótono, numa fatalidade que impediria toda criação e todo crescimento. Quem ler a interpretação, e não concordar com tal interpretação, tem o direito e o dever de re-interpretar, de acrescentar ao que foi dito, sua visão dessa realidade, justificando-a também. A busca por diálogo entre

visões diferentes e o respeito pelos diversos saberes deve ser um dos princípios básicos que o pesquisador precisa carregar no seu trajeto rumo a descobertas e novos significados.

Após a discussão e exposição dos elementos que constituem a Hermenêutica de Profundidade, apresenta-se aqui o referencial metodológico que o complementa e confere ao pesquisador a possibilidade de realização de um estudo amplo e rigoroso sobre os meios de comunicação, de forma eficiente e confiável: o Enfoque Tríplice (THOMPSON, 2005).

Enfoque Tríplice

O referencial do Enfoque Tríplice chama a atenção para o fato de que os fenômenos comunicacionais- no nosso caso a mídia - devem ser analisados em três aspectos: na sua produção e distribuição (1), na sua construção interna (2) e na análise da recepção e apropriação(3), de acordo com o quadro a seguir (THOMPSON, 2005):



As perguntas que guiam o trabalho do Enfoque Tríplice são as seguintes: A) como a comunicação é produzida e difundida? B) Qual a estrutura interna do fenômeno comunicacional? C) Como se dá a recepção e a apropriação por parte dos telespectadores?

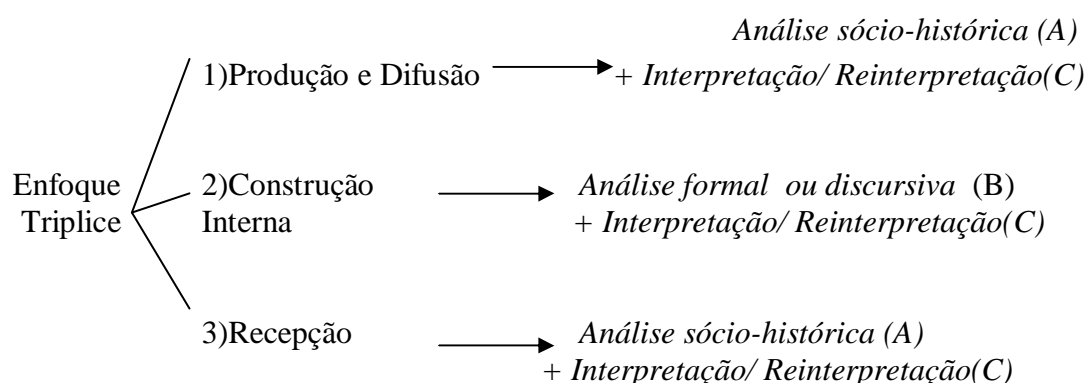
O primeiro aspecto é o da produção e transmissão ou difusão das formas simbólicas e de transmissão e distribuição via canais de difusão seletiva (1). Estes processos estão situados dentro de circunstâncias sócio-históricas específicas e geralmente envolvem acordos institucionais particulares. O segundo aspecto é a construção da mensagem dos meios de comunicação (2). Essas mensagens transmitidas pelos meios de comunicação de massa são estruturadas de diversas maneiras, são construções simbólicas complexas que apresentam uma estrutura articulada. O terceiro aspecto da comunicação é a recepção e apropriação das mensagens dos meios (3). Essas mensagens são recebidas por pessoas, e grupos de pessoas, que estão situados dentro de circunstâncias sócio-históricas específicas, e que empregam os

recursos disponíveis a eles a fim de compreender as mensagens recebidas e incorporá-las em sua vida cotidiana.

De acordo com Thompson (2005) a grande vantagem dos referenciais apresentados é a de que eles podem ser usados de forma conjugada, tornando o processo de investigação mais profundo e completo. A produção e difusão (1) pode ser estudada através de uma Análise Sócio Histórica em associação com a Interpretação/ Re-Interpretação (A). A construção interna (2) está relacionada à fase de Análise formal e discursiva da HP (B). Já a análise da recepção (3) pode ser investigada novamente por meio da Análise Sócio –Histórica e da Interpretação / Re- Interpretação.

Combinando ambos referenciais temos o seguinte quadro:

Fases da HP empregadas



Realizada a exposição e a discussão dos dois referenciais, busca-se demonstrar, de maneira prática, como essas duas ferramentas podem ser úteis em uma experiência concreta de pesquisa. O projeto que será citado denomina-se “Comunicação e Cidadania: um estudo ideológico e ético da mídia televisiva no Brasil” e buscava analisar os cinco programas mais assistidos das cinco emissoras mais representativas no cenário televisivo nacional.

O exemplo que será usado diz respeito ao programa do Sistema Brasileiro de Televisão (SBT), chamado “Domingo Legal”, apresentado por Augusto Liberato todos os domingos à tarde.

Existia uma hipótese, lançada após a Análise formal e Discursiva, (fase B da Hermenêutica de profundidade e parte 2 do Enfoque Tríplice - Construção Interna) de que algumas cenas do programa eram forjadas com a intenção de ludibriar o telespectador. A partir dessa perspectiva inicial pesquisou –se o histórico do programa e da emissora (Análise Sócio- Histórica, primeira fase da HP e primeira parte do Enfoque Tríplice-Produção e

Difusão) e se obteve a surpreendente informação de que o programa tinha sido acusado pela Justiça Federal de simular uma entrevista com traficantes de alta periculosidade para atingir altos índices de audiência (VALLADARES, 2003, p.70)². Tendo conseguido esse dado através da pesquisa documental partimos para o segmento da pesquisa, que contemplava a realização de grupos focais com telespectadores dos programas estudados (terceira parte do Enfoque Tríplice- Recepção). Após colhermos as informações dos grupos tivemos uma nova confirmação de nossa hipótese inicial. Boa parte dos telespectadores entrevistados suspeitavam da veracidade de alguns quadros do programa, colaborando para que fizéssemos, no final da nossa pesquisa, a afirmação de que o programa Domingo Legal feria a ética na comunicação e estabelecia uma relação de poder e manipulação frente aos receptores (Interpretação/Re-Interpretação). A prerrogativa dos pesquisadores foi tomando corpo à medida que as ferramentas metodológicas iam fornecendo subsídios que tornavam a hipótese mais palpável a cada etapa concluída da pesquisa. Sem adequadas formas de investigação a afirmação feita no fim do percurso teria muito menos peso e confiabilidade frente ao público e aos avaliadores do projeto.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O emprego desses dois referenciais metodológicos dá ao pesquisador uma garantia de não ficarem excluídos aspectos fundamentais do estudo da comunicação. Evidentemente, nem sempre é possível conduzir um estudo com toda a abrangência acima mostrada. Muitas pesquisas concentram-se em uma ou outra fase, como, por exemplo, os estudos de recepção da mídia. Mas é necessário que se tenha o referencial mais amplo e detalhado, para se indicar que parte do complexo fenômeno comunicacional se está investigando.

O desenvolvimento e a atualização dos referenciais metodológicos sempre será importante na tentativa de se aprimorar a aproximação da mídia com o fazer científico. Por ser um fenômeno que está em constante mutação, a mídia exige um constante cuidado quando abordada no ambiente acadêmico. As discussões e propostas de como pesquisar o fenômeno comunicacional continuam em aberto. Sempre haverá novos problemas e situações que exigirão do pesquisador astúcia e humildade, para conseguir dar conta de seu suposto objetivo.

É importante frisar que essa comunicação buscou oferecer um referencial que possa ser aplicado em diversos contextos e interpretado à luz de muitas teorias, porém é relevante

² A reportagem em questão é da revista brasileira *Veja*. A revista possui circulação nacional, tiragem semanal e é uma das mais lidas no território brasileiro.

afirmar que os pressupostos metodológicos desse trabalho almejam romper com a dicotomia existente entre pesquisa qualitativa e quantitativa. Pois a excelência de uma investigação científica está na capacidade do pesquisador de possuir inúmeros recursos, que podem ser acionados com sabedoria para resolver cada problema que se apresenta, de acordo com o momento e o contexto.

O uso das informações, a interpretação/re-interpretação dos dados e a clareza na descrição dos procedimentos usados é que demonstram o quanto o pesquisador está de acordo com sua teoria e suas metodologias.

Ao mesmo tempo esse trabalho almejou demonstrar que a pesquisa qualitativa pode ser tão confiável quanto uma pesquisa quantitativa. A forma com que cada pesquisa é conduzida indica o quanto ela será bem sucedida ou não. Seja ela de que natureza for.

Outro aspecto importante de ser sublinhado refere-se à concepção teórica que geralmente é utilizada nos estudos que envolvem a Hermenêutica de Profundidade e o Enfoque Tríplice. Thompson (2005) acredita que esses referenciais são os mais apropriados para identificar o caráter ideológico contido nas formas simbólicas veiculadas pela mídia. Thompson (2005) considera a ideologia como formas simbólicas que produzem ou sustentam relações de dominação. O autor privilegia esse enfoque por acreditar que existe uma grande contribuição da mídia em situações de injustiça e desigualdade social, ferindo por consequência a ética nos contratos sociais estabelecidos. Dessa forma a metodologia usada por Thompson (2005) possui um diferencial evidente em sua prática, objetivando não só analisar o fenômeno midiático, mas também semear reflexões críticas sobre o real papel dos meios de comunicação na construção da sociedade contemporânea e suas relações.

Como argumentam Golding e Murdock (2000), pensadores da economia política crítica dos meios de comunicação, existe uma importância urgente na discussão acerca de políticas para a organização e regulação dos meios de comunicação que garantam sua contribuição para o exercício pleno dos direitos da cidadania. Os autores assinalam que um sistema de comunicação ideal deveria fornecer informações e orientações sobre esses direitos e as diversas opções políticas, permitindo a conquista e ampliação dos direitos, a participação do debate público e a apresentação de divergência e proposição de alternativas.

Antes de pensarmos em metodologias que possam dar conta adequadamente da complexidade do fenômeno comunicacional, é fundamental refletirmos sobre a centralidade do seu papel nos processos sociais e de sua crescente influência no poder e na cristalização das formas de vida estabelecidas até os dias de hoje. Além disso, precisamos fazer uma pergunta importante a nós mesmos, antes de adentrar no campo do estudo científico da mídia:

como meu estudo pode contribuir para que os meios de comunicação possam ser mais democráticos e participativos?

REFERÊNCIAS

- BAUER, M W; GARSKELL, G. **Pesquisa Qualitativa com Texto, Imagem e Som**. Petrópolis: Editora Vozes, 2002.
- BORDIEU, P. **A miséria do mundo**. Petrópolis: Vozes, 1997.
- CHAUÍ, M. **Simulacro e poder: uma análise da mídia**. SP: Editora Fundação Perseu Abramo, 2006
- GOLDING, P; MURDOCK, G. **Culture, communications and political economy**. In: CURRAN, J; GUREVITCH. (orgs). *Mass media and society*. Londres: Arnold, 2000, p.70-92.
- GUARESCHI, P. **Sociologia crítica** : alternativas de mudança. 48. ed. Porto Alegre : EDIPUCRS, 2000.
- GUARESCHI, P. **Psicologia social crítica: como prática de libertação**. 3. ed. Porto Alegre : EDIPUCRS, 2005.
- GUARESCHI, P; BIZ, O. **Mídia e Democracia**.2.ed. Porto Alegre: Evangraf. 2006.
- GUARESCHI, P. **Comunicação e Cidadania: um estudo ideológico e ético da mídia brasileira**. (Relatório de Pesquisa). Porto Alegre: PUCRS/ CNPq, 2008)
- HAGUETTE, T. **Metodologias Qualitativas na Sociologia**.11 ed. Petrópolis: Vozes, 2007. pp. 63-85.
- JOVCHELOVITCH, S. **Os contextos do saber**. Petrópolis: Vozes, 2006.
- MARKOVÁ, Ivana. **Dialogicidade e representações sociais: as dinâmicas da mente**. Petrópolis:Vozes, 2006.
- ROMANCINI, R. **História e Jornalismo: reflexões sobre campos de pesquisa**. In: BENETTI, Márcia; LAGO, Cláudia. *Metodologias de Pesquisa em Jornalismo*. Petrópolis: Vozes, 2007.
- SILVERSTONE, ROGER. **Por que estudar a mídia?**. São Paulo : Loyola, 2002.
- THOMPSON, J.B. 2002. **O Escândalo Político: poder e visibilidade na era da mídia**. Petrópolis: Vozes.
- THOMPSON, J.B. **Ideologia e cultura moderna** : teoria social crítica na era dos meios de comunicação de massa. 6. ed. Petrópolis : Vozes, 2005.
- TRAQUINA, N. **O estudo do jornalismo no século XX**. São Leopoldo: Ed. UNISINOS, 2001.
- VALLADARES, R. Domingo Ilegal. **Veja**, São Paulo, v.1820, n.5, p. 70-72, 17 set.2003